

PARA O ESTUDO DAS TRADIÇÕES POPULARES DIRIGIDA POR

Jose da Silva Almeida

BARCELLOS

Secção folk-lorica

A POESIA POPULAR

NOS

CAMPOS

Peço licença para apresentar aos meus leitores o primeiro poeta d'esta terra—o povo.

Conheci-o a fundo n'estes dous ultimos verões, quer como espectador atento dos *bailes de rodas*, dançados ao domingo no terreiro, quer como ouvinte entusiasta das desgarradas á viola cantadas pelas calmosas e apaixonadas noites de agosto, quando o murmúrio dos riachos e o cejar convidam o espirito á melancolia, e o coração ao amor do bom e do bello.

Os campos são, desde Teocrito e Virgilio, a imperação da verdadeira poesia, da que se não a maneira presumida na adolescencia, nem se arrebia de postigas e mentirosas galas.

O homem do Arado e da charrua, antes da sciencia lhe ter poupado o suor do rosto; inventando novos instrumentos agrarios e aperfeçoando os antigos, era, nem podia deixar de ser, o poeta por excelencia, como quem recebia directamente da natureza, com o instinto do sentimen-

to, a faculdade da admiração.

O sol, o Apolo da mitologia, ergue-se com o homem que trabalha na terra, alenta-o nas fadigas do dia, lega-lhe o fogo sagrado ao despedir-se ás horas saudosissimas do crepusculo, quando a creança adormece sorrindo, e o sino da ermida povoa de saudades o romanso das florestas.

O actor então, crê-o, não é inferior ás scenas da natureza. Incisiva sem pedantismo, satirica sem maldade, plangente sem afetação, a poesia no homem do campo é quasi a sua linguagem natural, o que na cidade se lima e pule n'uma prosa trabalhada e difusa, dil-o de improviso e cantando o feliz requestador da ceifeira, devolve-lh'o ella melhorado n'uma trova singela, rescendendo aos melhores e mais suaves perfumes da campina.

No campo a poesia alarga-se com os horisontes. Antes de ser arte é coração. O amante amuado, a noiva traida, a esposa antes de ser mãe, todos tomam a poesia como um desabafo, todos se acolhem á sombra da cantiga. Linguagem que dá para tudo, porque é universal, a poesia nos campos tambem tem os seus filosofos, os seus desiludidos, como na cidade. A um ouvi eu, e era dos memores trovistas do sitio, sair-se depois de instado, dizendo:

Não canto por bem cantar,
Nem por ter falas de amante;

Só canto por dar o gosto
A quem me pede que eu cante.

Esta quadra era um remoque folhetinistico ás inumeras declarações amorosas que n'aquella tarde se tinham feito no bailarico.

A ceifa, a vindima, sobretudo as descamisadas, são as epochas florescentes da poesia saloia; são o rapido mais glorioso reinado de Augusto das letras campestinas. Que inteligente e surreteiro commercio de olhares! que furtivos apertos de mão! que magoa dos queixumes! que temerarias perguntas! que satiricas réplicas se não ouvem então.

Quando o sov'reiro der baga,
E o lourceiro der cortiça,
Então te amarei, meu bem,
Se não me der a preguiça!

Ao desalmado, ao Lovelaco que assim se descartava em pleno *baile de roda* da pobre moçoila, que não via cá n'este mundo outro sol mais que o seu Manoel ouvira eu ainda no domingo anterior esta trova sobrescritada aos magnificos olhos castanhos da sua bêla:

Os olhos pretos são falsos,
Os azues são lisongeiros,
Os olhos acastanhados,
São os leaes verdadeiros!

Pobre Maria! Conheci-a requestada pelos rapazes mais abastados da aldeia, via, garbosa e

primeira entre to-
ragar a saudida, nas fes-
as, nas louçanhas do cirio; ou-
via cantar depois, já palida e
desbotada:

D'encarnado veste a rosa,
De verde o manjeriço.
De branco veste a açucena,
De luto o meu coração

Dous mezes depois, pelo cair
da folha, dormia, coitada, o der-
radeiro sono no cemiterio hu-
milde da sua aldeia!

Era sina dos teus, pobre Ma-
rial! Ainda Deus te poupou o ve-
res cá na terra a tua irmã dileta,
a tímida mas festiva Aninhas, re-
gando de lagrimas o berço do fi-
lho adormecido; e cantando-lhe
envergonhada:

Oh! chorae, olhos, chorae,
Que o chorar não é desprezo,
Tambem a Virgem chorou,
Quando viu seu filho prezo.

Depois continuou:

Quem tem meninos no berço
Por força lhe ha de cantar;
Quantas vezes canto eu
Com vontade de chorar!

E' porque ella, como tu, tam-
bem arrastava a sua cruz de mar-
tirio cá na terra. A mal casada
lhe chamavam, não que o peccado
fosse d'ella, mas porque desacer-
tara na escolha do marido, a quem
eu lhe ouvira pedir ingenuamen-
te um anno antes:

Se fôres domingo á missa,
Põe-te em parte que eu te veja,
Não faças andar meus olhos
Em leilão pela igreja.

N'esta trova estava inteiro o
coração do tua pobre irmã—a
viridade e o amor! Quem lhe diria
a ella, ainda hontem noiva feste-
jada já hoje mãe abandonada, que
a tristeza lh'a havia de trazer a-
quelle a quem cantara:

Se eu soubera que voando
Alcançava o que desejo,
Mandava fazer as azas,
Que as penas são de sobejo!

Agora as unicas azas que a
cativam são as do anjo que reco-
lhidas as tem no berço, mas que
ella teme levantem o vôo, e a dei-
xem cá n'este mundo sosinha e
sem conforto.

Mas deixemos as tristezas al-
deãs, e voltemos ao terreiro a es-
cutar mais desenfastia das trovas,
e mais engenhosos conceitos. Vê-
em alem aquele rapazote de jale-
co de bombazina azul, cinta ver-
melha, botões de ouro na golei-
ra? E' o primeiro dançador de fan-
dango do logar, o primeiro ver-
sista do concelho, o primeiro co-
po do districto.

Ensarilha uma feira a pau, la-
vra com bois proprios, traz ao ter-
ço uma terra do fidalgo, e já foi
dous annos merdome da festa de
Santo Antão, a mais pagã das fes-
tas do districto de Torres Ved-
dras.

Ouçam-n'ò, que traz de olho
uma franga da freguezia, que vai
mais vezes á brinadeira que ao
confesso, e que elle projeta estra-
malhar do rebanho do Senhor, co-
mo já o cura lhe exprobrára na
ultima prédica domingueira.

A rapariga não é bonita, mas
para o poeta não ha dificuldades;
até na fealdade acha recursos com
que justificar-se, Ouçam-n'ò:

Entre pedras e pedrinhas
Nascem raminhos de salsa,
Pega-te á feia que é firme,
Deixa a bonita que é falsa.

A snr.^a Rosa (o nome e os es-
pinhos são d'ella)percebo-o, e res-
ponde-lhe:

Quem disser que o amar custa
E' certo que nunca amou;
Eu amei e fui amada,
Nunca o amar me custou!

Animado por esta leviandade
(talvez innocente), abi vai como o
nosso homem se tirou do apuro.
E' o desejo manifestando-se e des-
culpando-se nas ousadias d'um
sonho:

Esta noite sonhei eu
Um sonho bem atrevido,
Que tinha na ninha cama
A fôrma do teu vestido.

Agora um vôo sobre este li-
rismo aldeão e não sondemos a
alegoria d'este sonho, nem como
a senhora Rosa o interpretou.

O que parece fôra de duvida
é não ter passado tão desperce-
bido a petulancia do sonhador, que
uma trigueirinha ciumenta, que
andava na roda lhe retrucasse, fi-
tando-o:

Se pensas que por ti morro
Ou por ti tenho paixão,
Nunca fui apaixonada
Da fruta que cae no chão.

Ferido assim no seu amor pro-
prio, José dos Caracoes (esta era
a alcunha do conquistador encar-
tado do sitio) sacudiu a melena,
tomou uns certos ares de pimpão
que lhe eram habituaes, quando
aos sabados no mercado compra-
va ou vendia, e, pegando na pa-
lavra da rapariga, julgou enver-
gonhada pela sua pouca alvura
unica pecha que com razão lhe
podia pôr cantando-lhe n'este sen-
tido uma trova epigramatica.

Ella porém, aceitando o desa-
fio, respondeu-lhe como quem a
fundo se conhecia pelo espelho:

Chamaste-me triguerinha,
Eu não me escandilisei;
Trigueirinha é a pimenta,
E vai á mesa d'el-rei.

Arrepellido de ter sido in-
justo com quem assim se despi-
cava, ou antes não sabendo ven-
cer o coração que o puxava para
aquella a quem ofendera, José dos
Caracoes pôz de parte os fingi-
meulos, entendeu que devia falar
a verdade inteira, custasse o que
custasse, ás victimas dos seus ar-
teiros arazoados:

Eu tenho cinco namoros,
Tres da manhã, dous de tarde,
A todos elles eu minto,
Só ati fallo a verdade.

A impressão causada no au-
ditorio feminino por esta rude e
inesperada declaração não é facil
descreve-se.

O fanfarrão que a fizera, o-
lhava em roda de si cauteloso,
como esperando que algum ir-
mão lhe pedisse contas do credit
enxovalhado da irmã, mas ufano

de si por vêr lagrimas de despeito em olhos que nunca até então tinham chorado!

No campo as musas são caprichosas como na cidade. Inflamam sorrindo o estro dos seus admiradores, e, as mais das vezes, só rigores lhe deixaram para tema dos seus poeticos devaneios.

E ellas, que o lirismo piegas já tornou ridiculas nas salas, ainda não foram destronadas na aldeia, nem o serão, emquanto a poesia serrana for comedida na hiperbole, e as aguas da Hipocrene saioia correrem sem preleções a catadupas do Niagara.

Eu hei-de amar uma pedra,
Deixar o teu coração;
Uma pedra não me deixa,
Deixas-me tu sem rasão.

Em caso identico ao d'este desapontado amator, um poeta funebre teria esbravejado em estrofes dignas de fúrias. Ella contenta-se com uma ameaça concisa, resolve-se a amar uma pedra mas nem por isso deixa de ficar em paz com o senso comum.

Querem ouvir um conceito digno de Lafontaine, que um meralista levaria vinte vezes á bigorna, e que saiu feito dos labios frescos e rosados d'uma travessa pecadora?

A' minha porta está lama,
A' tua está um lameiro;
Quando falares das outras
Olha para ti primeiro.

A franqueza d'esto desforço não desmente a boa fama da sinceridade aldeã. Quem tem tehhados de vidro não atira ao dos vizinhos. Aqui o desagravo subiu á altura da injuria, mas a harmonia restabeleceu-se entre as duas sacrasticas inimigas.

Que magnificos olhos pretos não tinha uma d'ellas! Com que sobeja razão um amator do genero lhe não cantara momentos antes.

Os olhos dos meus amores
São pretos, não tem maldade
Heide mandar fazer d'elles
Um painel da Piedadel

Como a rapariga lhe pegou na palavra foi assim:

Os meus olhos são dons pretos
Que me chegaram de fóra;
De lá me vieram livres,
Cativei-os eu agora!

Toda a prosa deslavada do Secretario dos Amantes nem de longe hombraia com esta correspondencia ao ar livre, que chega franca de porte ao seu destino, sem o auxiliar do compostelano ladino, nem a avara segurança da estampilha moderna. Um sorriso é o intermediario unico entre dous namorados campesinos.

E recostado ao varapau ferrado, Castalia e maça de Hercules do pretendente, que elle acompanha a trova com um olhar que diz mais aquem é dirigido do que o prosaico sobrescrito de uma carta. E' fiada na inviolabilidade d'este genero de correspondencia que a gente do campo diz ironicamente:

Esta carta vae sem porte
Remetida a quem quer bem;
Tem crime de mão cortada
Se n'ela bulir alguém.

Ou canta aludindo poeticamente ao seu afeto, e não traduzil-o de outro modo:

O papel em que te escrevo
Tiro-o da palma da mão;
A tinta sae-me dos olhos,
A pena do coração.

E digam ainda que o calembourg não é cultivado na aldeia! E, dá-se por lá fresco e viçosa como tudo que o ervalho da manhã rocica, que o sol alenta, e a brisa da tarde refrigera. O trocadio (deixem traduzir assim o arvezado calembourg), se o não utilisam no campo para fazer espirito, porque ha lá mais quem pensar, serve não poucas veses de interprete a magoadas queixas.

Tenho um vestido de penas,
Não m'o fez alfaiate;
Eu o talhei ao meu corpo,
Eu o levei ao remate.

A tunica de Nesso não pro-

duziu decerto effeito mais violento no vencedor de Diomedes, que este pobre vestido de penas na queixosa que por suas proprias mãos o talhara, sem desconfiar que em breve se lhe mudaria em cicillio!

O amor é a inspiração quasi constante da poesia popular, quer se manifeste festiva como a esperança, quer plangente como a saudade dos bons afetos que morreram. Desconhecedora das tradições pagãs, a gente do campo nega-as por instinto, e mata a sêde poetica nas fontes puras da natureza. Cupido, o classico e brincalhão Cupido, e para os poetas da aldeia um rapazote sem importancia. O deus vendado não tem entre elles azas nem calto:

Quem pintou o amor cego
Não n'o soube bem pintar.
O amor nasce na vista
Quem não vê não pode amar.

Com este credo, que é verdadeiro embora com elle se negue a auctoridade da mitologia e os amorosos arrufos do que Olympo foi teatro, não podemos duvidar d'este poetico aforismo aldeão

Inda que o lume se apague
Na ciuza fica o calor;
Antes que o amor se auzente
No coração fica a dôr!

A constancia aldeã, de que o sr. Castilho já zombou em lindos versos, tem em seu favor documentos poeticos de alta valia.

Estou quasi inclinado a crêr que a injustiça feita pelo cantor da Primavera aos amores pastoris; foi instigação do seu amigo Ovidio, maganão que deixou nas metamorfoses provas sem replica da sua incompatibilidade, (perdô-me Ovidio este palavrão constitucional), para afeitor do constancias.

Quem me dera vêr meu bem
Trinta dias cada mez,
Sete dias na semana
E cada instante uma vez.

(Continúa)

L. A. PALMEIRIM.

NOVIDADE LITTERARIA

P. L. M.

Grande romance parisiense, por **Xavier de Montepim**

6 volumes, illustrados com 18 chromo-lithographias aguareladas por *Manuel de Micaelo*

PRIMEIRA PARTE—**A formosa Angela**

SEGUNDA PARTE—**Rigolo**

TERCEIRA PARTE—**Os Olhos de Emma**

Publicação semanal ás cadernetas, pelo preço de 60 reis. Contendo cada uma seis folhas ou cinco folhas e um chromo

PAGAMENTO NO ACTO DA ENTREGA

Nas semanas em que for distribuida capa de qualquer volume, a caderneta constará apenas de quatro folhas ou 32 paginas. Em o numero das excellentes chromo-lithographias que illustram este romance estão incluidas seis que servirão de adorno ás capas de brochura de cada volume.

PROVINCIAS = A assignatura continuará a ser paga «adiantadamente» na rasão de 120 reis cada caderneta, porte franco, e as remessas feitas ás series de duas cadernetas.

Dirigir pedidos de assignaturas á Casa Editora **David Corazzi**, Rua da Atalaya, 52 Lisboa. Numero telephónico 135

FABULAS DE LA FONTAINE

Illustradas por **GUSTAVO DORE**

Cerca de 600 gravuras entre as quaes ha 48 de pagina inteira, texto portuguez por

Bocáje, Filinto Elyzio, Curvo Semmedo, Costa e Silva, Malhão, Couto Gurreiro

e pelos mais notaveis poetas contemporaneos de PORTUGAL E BRAZIL

com estudos criticos pelos srs. Pinheiro Chagas, Ramalho Ortigão e Theophilo Braga
edição de luxo feita em Paris sob a protecção de **Eduardo Garrido e Mariano Dina**

A obra completa constará de 2 volumes infolio de perto de 500 paginas. Publicação aos fasciculos de 16 paginas de texto e competentes gravuras, sendo o seu preço apenas de 200 reis, cada um, pagos no acto da entrega, em Lisboa e adiantadamente nas provincias ás series de dois, tres ou mais fasciculos.

Todos os mezes serão distribuidos dois ou mais fasciculos.

Os pedidos devem ser dirigidos á casa editora **David Corazzi**, 40, Rua da Atalaia, 52, Numero telephónico 135.

VENTURAS E AVENTURAS

(CARTEIRA D'UM POETA)

ROMANCE POR—**ALBANO COELHO**

Brevemente sairá á luz um romance com este titulo, constando de cerca de 200 paginas em 8.^o *Bompaninho* do retrato do auctor. O romance—**Venturas e Aventuras**—(Carteira d'um poeta)—póde ser lido por todos, porque acaba a boa moral e deleita pela suavidade do enredo.

Custa, em Portngal 500 reis, e para o Brazil 550 reis fortes. Todos os pedidos, acompanhados da respectiva importancia, deverão ser feitos ao auctor—**Albano Coelho**, Rua Nova, 4—Braga.

REVISTA DO MINHO

Assignatura unno 600 reis—N.^o avulso 100 reis

para o estudo das tradições populares portuguezes, dirigida por

JOSE DA SILVA VIEIRA